

Fernando Henrique Cardoso

Alon Feuerwerker

Último recurso

Ao protestar ontem, diante de empresários paulistas, contra o que considerou um "clima de catastrofismo" que estaria sendo artificialmente alimentado no país, o presidente José Sarney resvalou no recurso comum aos governantes que perderam o crédito dos governados: buscar explicações externas para um fenômeno cuja única origem está dentro do governo. É o próprio Sarney que alimenta a incerteza. Esta nasce da constatação de que o presidente não quer, ou não pode, tomar as decisões políticas necessárias à consolidação de qualquer orientação econômica.

A atual, por exemplo, sofre contestações frontais dentro do primeiro escalão do governo —os ministros da Fazenda e do Planejamento estão literalmente ilhados na sua tentativa de cortar drasticamente os gastos. Mas, apesar de toda a retórica presidencial e da gravidade do quadro das finanças públicas, não se percebe em Sarney qualquer gesto eficaz para solucionar o impasse, em favor de um ou outro lado. Assim como em tantas ocasiões anteriores —com a pouco honrosa exceção da batalha pelos cinco anos de mandato—, o que se vê é alguém que espera o cenário se definir, acomodar-se em um ponto intermediário qualquer, para só então adaptar-se, confortavelmente, a ele. A consequência é o retrato de um governo partido, paralisado.

Do estrito ponto de vista do impacto que esta imagem tem na opinião pública, é supérfluo especular se o comportamento de Sarney deveria ser explicado pelas características de seu temperamento ou pelas circunstâncias políticas em que ele exerce o cargo. Pode-se, até, argumentar que não restaria outra saída a um presidente praticamente desrido de apoio político real, de capacidade hegemônica pessoal, de partido ou partidos que lhe dêem sustentação. O resultado concreto, porém, passa ao largo de interpretações centradas na racionalidade: é o vigoroso e crescente descrédito na autoridade presidencial.

Num ambiente em que a inflação bate nos 24% e não dá sinais de pretender recuar —a não ser episodicamente—, este descrédito é o mais poderoso combustível para a incerteza. O que a atitude presidencial tem conseguido é estimular a desconfiança, a suspeita generalizada de que este governo não pretende tomar nenhuma decisão sólida para combater a crise econômica, qualquer que seja o diagnóstico sobre as raízes desta. É uma suspeita que não discrimina: vai dos que apóiam aos que são contra a estratégia de Mailson da Nóbrega e João Batista de Abreu, passando pelo cidadão alheio a qualquer debate sobre teoria econômica.

É um cenário em que mesmo indicadores positivos —como os resultados da balança comercial e os números que mostram crescimento da produção e do salário real na indústria paulista nos dois últimos meses— tendem a ser encarados com reservas, a ser minimizados, a naufragar no mar de expectativas pessimistas. Contra eventuais otimismos baseados na racionalidade, entroniza-se o bom senso que recomenda cautela; bom senso que, à falta de coisa melhor, aparece como o salva-vidas individual e coletivo.

Não se pode negar à sociedade este último recurso. Protestar contra algo sem apresentar alternativas revela apenas impotência.

Hoje, excepcionalmente, deixamos de publicar o artigo de Fernando Henrique Cardoso, que escreve às quintas-feiras nesta coluna.